

**Estereótipos sociais e suas implicações
para os estudos sociolinguísticos**

**Social stereotypes and their implications
for sociolinguistic studies**

CÂNDIDA MARA BRITTO LEITE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB

RESUMO

O presente artigo traz alguns resultados da pesquisa realizada por Leite (2010). Um dos objetivos dessa pesquisa foi investigar as atitudes linguísticas de campineiros em relação à pronúncia do /R/ caipira. Neste artigo, com base em alguns depoimentos de informantes campineiros, apresenta-se uma reflexão acerca da estreita relação entre atitudes linguísticas, estereótipos sociais e variação linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Atitudes linguísticas. Estereótipos Sociais. /R/ caipira.

ABSTRACT

This article presents some results of research conducted by Leite (2010). One of the objectives of this study was to investigate the language attitudes

*Sobre a autora ver página 104.

of native inhabitants of Campinas in relation to the pronunciation of caipira / R / . This paper, considering data collected from native inhabitants of Campinas, presents a reflection on the close relationship between language attitudes, social stereotypes and linguistic variation.

KEYWORDS: *Language attitude. Social stereotypes. Caipira /R/.*

1 Considerações iniciais

Os estudos sociolinguísticos têm mostrado a estreita relação entre linguagem e sociedade. Como exemplo dessa inter-relação, Trudgill (2000) cita dois aspectos que são importantes de um ponto de vista social da linguagem: (i) a função da linguagem em estabelecer relações sociais e (ii) o papel desempenhado pela linguagem em transportar, em ser o veículo pelo qual as informações sobre os falantes são transmitidas.

O simples fato de estabelecer uma conversa informal revela muito mais do que foi dito, do conteúdo verbalmente expresso. Certamente, há informações linguísticas que não escapam nem mesmo aos ouvidos mais desatentos. Em um primeiro momento, é o sotaque que emerge e chama a atenção ao evidenciar as diferenças dialetais que, frequentemente, são alvo de avaliações estereotipadas. A propósito do quanto se pode inferir por meio de uma despreziosa conversação, Trudgill (2000) afirma que mais importante *do que é dito é como se diz*, pois:

(...) for whenever we speak we cannot avoid giving our listeners clues about our origins and the sort of person we are. Our accent and our speech generally show where we come from, and what sort of background we have. We may even give some indication of certain of our ideas and attitudes, and all of this information can be used by the people we are speaking with to help them formulate an opinion about us (TRUDGILL, 2000, p. 2).

A avaliação de inferioridade ou de superioridade conferida a algum aspecto linguístico está associada aos valores sociais, e não às características inerentes à linguagem. Sendo assim, interessa, neste estudo, refletir, com base nos depoimentos dos informantes, sobre a importância

de se considerar a estreita relação entre atitudes linguísticas e estereótipos sociais para o estudo da variação linguística. Os depoimentos que serão apresentados referem-se ao /R/ que figura em posição de coda silábica no dialeto paulista – o /R/ caipira.

2 Atitudes linguísticas e Estereótipos Sociais

É sob o rótulo de *atitudes linguísticas* que a sociolinguística lida com preconceito e estereótipos linguísticos. Entre os conceitos relacionados a atitudes, estereótipo é o mais importante deles, na opinião de estudiosos como Quasthoff (1987), Fishbein e Ajzen (1975), entre outros. *Atitudes e estereótipos* são conceitos distintos, mas que se entrecruzam. Conforme definição apresentada por Fishbein; Ajzen (1975, p. 6), atitude é entendida como uma “predisposition to respond in a consistently favourable or unfavourable manner with respect to a given object”. O objeto a que os autores se referem pode ser uma pessoa, um grupo, uma determinada situação, uma variedade de língua, uma variante linguística, entre outros. O estereótipo, por sua vez, é um dos componentes da atitude. Então, no âmbito da psicologia social, esclarecem Deprez e Persoons (1987, p. 125-126), o constructo a que se denomina *atitude* é composto por três componentes: (i) cognitivo (composto por crenças e estereótipos); (ii) avaliativo (composto por valores afetivos relacionados às crenças) e (iii) conativo (composto pelo comportamento, conduta – determinados pelos dois componentes anteriores). Segundo os autores, os estereótipos compõem esse constructo, e a formação das atitudes é precedida pelo processamento de informações, ou seja, uma atitude pessoal em relação a um objeto é baseada em suas crenças¹ a respeito desse objeto.

¹ Segundo Deprez e Persoons (1987), as crenças constituem a base da nossa estrutura conceitual. Através da observação direta ou da informação recebida através de fontes externas ou, ainda, através de processos de inferência, o indivíduo aprende ou forma um número de crenças sobre um objeto, através da associação do objeto a vários atributos. A totalidade de crenças pessoais serve como base informacional que, em última instância, determina suas atitudes, intenção e comportamentos. Os autores afirmam, ainda, que as crenças que não apresentam uma informação detalhada a respeito do objeto contribuem para a formação de estereótipos, pois: “whereas some beliefs contain very exact and detailed information about the object, others consist only of very incomplete and deficient data. Since Lippmann (1922) the latter have come to be called stereotypes (DEPREZ; PERSOONS, 1987, p. 126).

O termo estereótipo² foi introduzido no âmbito das ciências sociais por Lippmann (2008), que o usou em um sentido bastante amplo. Para o autor, os estereótipos são avaliativos, criam expectativas e são um tipo de sistema mental, sintetizado pelo autor na expressão “imagens em nossas mentes”. A pista da investigação proposta por ele refere-se ao fato de “presumir que o que cada homem faz está baseado não em conhecimento direto e determinado, mas em imagens feitas por ele mesmo ou transmitidas a ele” (LIPPMANN, 2008, p. 37).

Essas imagens têm uma função importante nas relações dos homens em sociedade porque são elas que irão determinar o que eles farão, mas não aquilo que alcançarão. As imagens estereotipadas, segundo o autor, poupam tempo e funcionam como uma defesa dos homens em sociedade na medida em que elas tendem a preservá-los do efeito desconcertante de, verdadeiramente, ver o mundo e compreendê-lo de forma mais ampla. Diante desse quadro, afirma que:

Na maior parte dos casos nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos. Na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura (LIPPMANN, 2008, p. 85).

Essas imagens que medeiam a relação com o real são, portanto, representações cristalizadas através das quais cada um filtra a realidade que o envolve. Apesar de serem fictícias, não podem ser classificadas como falsas, uma vez que expressam um imaginário social.

Estudos seguintes definiram estereótipos como crenças, julgamentos ou sistemas conceituais. Baseando-se em estudos de diversos pesquisadores, Quasthoff (1987) apresenta uma definição que sintetiza os principais traços necessários para distinguir os estereótipos de outras representações mentais. Segundo a autora, os estereótipos são

²Segundo Amossy e Pierrot (2001), o termo estereótipo origina-se no vocabulário tipográfico. Esse era o nome dado a uma placa metálica de caracteres fixos utilizada para a impressão em série. Esse substantivo mantém-se vinculado a essa referência etimológica até o século XX, quando passa a ser utilizado pelas ciências sociais.

categorias que generalizam e simplificam, são contrários aos fatos ou não contêm mais que um “núcleo de verdade”, são emocionalmente avaliativos, são caracterizados por persistência e rigidez, ou seja, são resistentes à mudança, tanto individuais quanto em sociedade³.

Pesquisadores das ciências sociais que se dedicam ao estudo dos estereótipos compartilham da opinião de que o processo de estereotipização, ao esquematizar e categorizar⁴, contribui com procedimentos que são indispensáveis para a cognição, ainda quando conduzem a uma simplificação e uma generalização excessiva. Lippmann (2008, p.92) chega a afirmar que “a renúncia a todos os estereótipos por uma completa inocente aproximação à realidade empobreceria a vida humana”. Os estereótipos podem ser vistos, portanto, como os provedores dos conteúdos das categorias sociais. Hewstone e Giles (1997) definem três aspectos essenciais no processo de estereotipização: (i) outros indivíduos são categorizados, baseado, geralmente, em características facilmente identificáveis, tais como sexo, etnicidade, estilo de fala; (ii) um conjunto de características, papéis, emoções, habilidades, interesses etc. é concedido a todos (ou quase) os membros dessa categoria; (iii) os indivíduos que pertencem ao grupo estereotipado são considerados similares uns aos outros e diferentes de outros grupos, quanto a esse conjunto de atributos.

Ainda que indiretamente, os estereótipos favorecem a integração social do indivíduo, conforme explicam Amossy e Pierrot (2001). Segundo as autoras, isso ocorre quando: (i) há a adesão a uma opinião estabelecida ou a uma ideia compartilhada; (ii) há a identificação a uma coletividade, assumindo seus modelos estereotipados. Ao agir dessa maneira, o indivíduo substitui seu próprio julgamento por aquele que é adotado pelo grupo ao qual deseja integrar-se. Em contrapartida,

³ Como esclarecem Hewstone e Giles (1997), estereótipos são sociais quando compartilhados pelo grupo. Alguns denominam o estereótipo compartilhado socialmente de “estereótipos culturais”. Para os autores, se se estuda a extensão pela qual uma imagem exterior é compartilhada, então estereótipos sociais são relevantes, mas se se tenta prever um comportamento individual em uma dada situação – se converge lingüisticamente em direção a membros de um grupo externo – então, a averiguação de estereótipos individuais será a mais indicada.

⁴ Conforme esclarecem Hewstone e Giles (1997), a categorização social constitui-se no principal processo cognitivo através do qual resulta a segmentação e organização do mundo social em categorias sociais ou grupos. Essas categorizações servem a diferentes e importantes funções, tais como: reduzir a complexidade de informações novas; facilitar a rápida identificação de estímulos, além de prever e guiar comportamentos.

reivindica, implicitamente, o reconhecimento da sua pertença. Os estereótipos cumprem, portanto, um papel importante na vida social. Exemplos da integração proporcionada pelo processo de estereotipização são noticiados em alguns estudos realizados por Amossy e Pierrot (2001). Segundo as autoras, em comunidades minoritárias percebe-se a defesa de identidade por parte dos membros dessas comunidades contra a ameaça de desaparecimento com a reafirmação de seus estereótipos de origem. Ainda segundo as autoras, além da identidade social, o estereótipo reforça a autoestima, definida como a avaliação que o sujeito faz de sua própria *persona*. Em poucas palavras, pode-se dizer que: se negativo, o estereótipo se vincula a questões relacionadas ao preconceito e à tensão entre grupos sociais; se positivo, relaciona-se às questões de identidade social.

Por estarem relacionados à opinião e à expressão individual, os conceitos que se referem ao termo estereótipo tornaram-se tema de diferentes campos das ciências humanas, sendo bastante presentes quando se trata da inter-relação entre linguagem e sociedade. No estudo realizado por Leite (2010), de onde são retirados alguns dos depoimentos que serão apresentados adiante, foi possível verificar a ampla estereotipização do dialeto caipira e de um dos traços linguísticos típicos desse dialeto, o /R/ caipira.

3. Procedimento metodológico

O *corpus* desta pesquisa foi composto por dados de doze informantes naturais de Campinas. As variáveis sociais consideradas para seleção dos informantes foram: sexo, faixa etária e grau de escolaridade, selecionadas da seguinte maneira:

- (i) sexo: feminino e masculino;
- (ii) faixa etária: (1) 20 a 30 anos; (2) 37 a 47 anos; (3) acima de 54 anos de idade. Foi estipulado um intervalo de sete anos entre as faixas etárias;

(iii) grau de escolaridade: médio e superior, concluído ou em curso⁵.

Os dados que serão apresentados neste artigo foram coletados mediante entrevista semidiretiva, (baseada em dois roteiros: o primeiro com questões relacionadas à cidade de Campinas e às atividades cotidianas dos informantes, e o segundo composto por questões de cunho linguístico). As questões norteadoras do roteiro de entrevistas de número 1, que consta de 26 questões, procura suscitar as experiências pessoais do informante ao longo da sua vida nessa cidade. As questões se referem, ainda, à qualidade de vida oferecida pela cidade, segurança pública, características da cidade de Campinas e do campineiro, posição socioeconômica ocupada pela cidade de Campinas frente às demais cidades do interior paulista, entre outras questões dessa natureza. O roteiro de entrevista de número 2, composto por 23 questões de cunho linguístico, convida os informantes a falar sobre diferenças dialetais.

As entrevistas compõem uma parte dos dados. Além dos depoimentos captados pelas entrevistas, foram coletados dados por meio da leitura de sentenças e palavras-alvo inseridas em frase-veículo⁶. Neste artigo, serão apresentados apenas alguns dos depoimentos dos informantes captados mediante entrevista. Para a transcrição desses depoimentos, foi considerada a normatização proposta por Marcuschi (1986).

Os dados foram gravados em uma sala acusticamente tratada no Estúdio de Gravação do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp). A captação dos dados foi feita através de um microfone AKG, [modelo 420 PP headset], conectado a uma placa de som externa com pré-amplificação da M-Audio, [modelo MobilePre Usb]. Essa placa foi conectada a um computador portátil Toshiba, [modelo M-45 Satellite,]. Para a gravação, foi utilizado um software livre de gravação e edição de áudio, o Audacity, a uma taxa de amostragem de 22050 Hz.

⁵ Os informantes selecionados foram: (i) com grau de escolaridade médio: MC (F – 23 anos), GP (M – 20 anos), CL (F – 47 anos), JC (M – 46 anos), LH (F – 54 anos), JP (M – 56 anos) e (ii) com grau de escolaridade superior: TG (F – 20 anos), OE (M – 29 anos), LB (F – 37 anos), EG (M – 37 anos), JB (F – 56 anos) e AL (M – 68 anos). As letras F e M referem-se ao sexo: feminino e masculino.

⁶ Esses dados foram submetidos à análise acústica. Os critérios adotados para elaboração do design experimental, coleta e análise dos dados submetidos à análise acústica são detalhados em Leite (2010).

4 Resultados e discussão

4.1 Estereotipização do caipira e do /R/ caipira

Os representantes do dialeto caipira descritos por Amaral (1920, p. 41)⁷ são definidos pelo autor como “roceiros ignorantes e atrasados”. Apesar do tempo transcorrido, as referências a esses falantes parecem não ter mudado muito. Como afirma Quasthoff (1987), os estereótipos são caracterizados por persistência e rigidez e, portanto, são difíceis de ser alterados. Assim, foi possível verificar nos depoimentos dos informantes, ainda hoje, que a remissão ao falante do dialeto caipira é feita através dos mesmos termos utilizados por Amaral (1920):

(1) EG (M – 37 anos): (...) o caipira é aquela coisa é::: da roça’ né”

(2) LB (F – 37 anos): infelizmente o jovem hoje ridiculariza’ né” fala que é uma pessoa ignorante’ no sentido de ser uma pessoa ignorante mesmo e tal.

A designação conferida ao dialeto paulista é a mesma atribuída ao /R/ produzido por aqueles que são naturais dessa região: caipira⁸. Essa coincidência é notória nos depoimentos dos informantes apresentados até então e nestes dois trechos:

⁷ Vale lembrar que Amaral (1920) se refere ao homem do interior paulista, de hábitos simples e voltado ao meio rural.

⁸ Várias são as acepções atribuídas ao termo caipira. Ao investigar algumas dessas acepções, Brandão (1983) verifica que as definições são sempre formuladas pela contraposição ao indivíduo da cidade. Assim, o caipira é retratado como aquele que não mora em povoação, ignorante, sem trato social, simplório, acanhado etc. O autor indica, ainda, que coube a Cornélio Pires em “Conversas ao Pé do Fogo” e a Antônio Cândido, em “Os parceiros do Rio Bonito”, atribuir ao caipira indicações de características próprias, relacionadas ao modo de vida, à localização e ao exercício do trabalho agrícola. Mas, certamente, é o caipira preguiçoso, estereotipado no personagem Jeca Tatu de Monteiro Lobato, a representação que persiste, haja vista a referência a esse personagem em depoimentos dos informantes, como no exemplo de número 3, neste texto. A propósito dos sentidos atribuídos a esse termo nos dias atuais, Castro (2006, p. 49) questiona e resume: “E o que se poderia dizer da noção de *caipira*, hoje? O termo continuou a ser usado, mas parece-nos que encerra certa opacidade. A denominação é usada tanto em referência a um tipo social como a sua maneira de falar, que se supõe uma continuidade da variedade descrita por Amaral (1982), sem que se tenha, no entanto, uma visão mais precisa de suas peculiaridades. Costuma-se atribuir a designação de caipira ao interiorano, particularmente o de zona rural (tocando-se, portanto, em um fator geográfico), inculto e que tem hábitos diversos dos que se vêem nos grandes centros (e aqui se toca em um fator cultural). A linguagem, indiscutivelmente, é um fator relevante no reconhecimento do caipira”.

- (3) AL (M – 68 anos): então (++) eu acho que caipira é o piracicabano ((risos)) eu acho que é isso (+) inclusive cê vê na/ na/ na/ em cinema essas coisas (+) o:: Jeca /aqueles é: no/ na/ no/ rádio aqueles caipiras de rádio né” o Ranchinho’ o Mazzaropi é:: fala assim
- (4) LB (F – 37 anos): ah:: o que eu mais percebo assim na forma de falar é realmente o controle do erre ((risos)) o que eu vejo fortemente no Estado de São Paulo é as diferenciações do erre (+) um puxa mais’ outro puxa menos’ outro come o erre’ né”
- (5) LB (F – 37 anos): o caipira (++) eu acho que vou repetir de novo’ eu acho que é o sotaque mesmo’ é o erre

A pronúncia do /R/ que se realiza em coda silábica foi escolhida pelos informantes com o objetivo de particularizar a fala do interior paulista. Alguns dos informantes referiram-se a esse segmento através da designação “caipira”. Esses mesmos informantes realizam o /R/ caipira em suas falas.

É notória a avaliação negativa conferida ao dialeto caipira e, conseqüentemente, ao /R/ caipira, traço linguístico mais evidente desse dialeto. Como exemplos das avaliações feitas pelos informantes, seguem os seguintes trechos:

- (6) EG (M – 37 anos): cê sabe” sinceramente eu num gosto não ((risos)) Entrevistadora: por que”

EG (M – 37 anos): porque caipira pra mim passa uma impressão que:: é:: /é:: não no sentido lá:: puro’ caipira (+) mas num sentido assim’/ que:: num/ que num tá situado numa/ numa circunstância ou mal informado (+) etc. (+) é feio

Entrevistadora: e o quê que é feio”

EG (M – 37 anos): o que eu acho feio” falar arrastado (+) porque eu acho feio

Como afirmam Hewstone e Giles (1997), o estilo de fala é uma das características que servem para a categorização dos indivíduos, dos

membros de um determinado grupo, no processo de estereotipização. Nesse processo, é certo que um conjunto de características é concedido a quase todos os membros dessa categoria e que os indivíduos que dela fazem parte são considerados similares uns aos outros e distintos de outros grupos. No que se refere à estereotipização do /R/ caipira, observa-se, pelos depoimentos, que aqueles que fazem parte do dialeto paulista e que pronunciam o /R/ caipira como variante em coda silábica, por exemplo, são categorizados, simplesmente, como caipiras. Esses falantes são estigmatizados como ignorantes e “da roça” e o elemento linguístico mais evidente – o rótico – é rotulado como feio, mole, falar arrastado, puxado.

Apesar das avaliações negativas manifestadas pela maioria dos informantes, foi possível verificar, também, julgamentos favoráveis às demais manifestações da cultura caipira, mas não em relação ao /R/ caipira. O fragmento a seguir traz uma avaliação positiva obtida nestes depoimentos:

- (7) LB (F – 37 anos): eu tenho orgulho’ porque (+) é uma cultura’ é uma tradição (+) traz consigo uma raiz histórica’ e que bravamente ele sobrevive no mundo atual’ porque a tendência é do agronegócio’ é extinguir também’ esse caipira (+) então as máquinas’ né” enfim’ tudo controlado por máquinas’ enfim (+) a pessoa já com aquela característica urbana’ digamos assim’ né” (+) então assim’ eu admiro mu::ito’ qualquer tipo de manifestação cultural que valorize o caipira (+) um exemplo (++) XX que é um’ violheiro’ que é um conhecido meu’ que conta todas as tradições’ os causos’ eu ado::ro causos’ quer coisa mais gostosa do que você sentar em volta de uma fogueira e contar causos’ (+) né”

Como lembram Amossy e Pierrot (2001), os estereótipos favorecem a integração e a defesa da identidade social na medida em que há identificação e adesão a uma opinião estereotipada, por exemplo. Como visto no excerto acima, o conjunto de traços positivos que foram atribuídos à cultura caipira mostra que os estereótipos também têm um papel importante na vida em sociedade na medida em que a opinião ou crença, antes estereotipada negativamente, é reinterpretada.

4.2 Estereótipos sociais e variação linguística

Nem todas as variáveis linguísticas envolvidas na variação ou na mudança linguística em uma comunidade de fala são prestigiosas e nem todas são avaliadas da mesma maneira. Segundo Labov (1974), as informações advindas das avaliações sociais dessas variáveis linguísticas podem ser empregadas para classificá-las em três categorias: indicadores, marcadores e estereótipos.

Os indicadores são os traços linguísticos que refletem a variação social (idade, grupo social), mas, geralmente, não mostram variação estilística e têm pouco efeito sobre o julgamento do ouvinte quanto ao *status* social do falante. Os marcadores são os traços que mostram tanto variação social quanto estilística e têm efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o *status* do falante, e os estereótipos são os tópicos externos de impacto social na comunidade de fala, rotulados socialmente e que podem, ou não, corresponder ao comportamento linguístico real.

Apesar de serem estigmatizados, os traços linguísticos estereotipados podem ser muito resistentes e duradouros. Labov (1972) lembra que a difusão desses traços pode se dar em direção a vários sentidos e demanda um considerável espaço de tempo – o que possibilita que, no intervalo de tempo transcorrido, muitas mudanças sociais possam ocorrer, podendo impulsionar ou deter tal propagação. Caso haja uma forte reação social contra esses traços linguísticos, essa reação pode desencadear um rápido processo de eliminação e, conseqüentemente, o seu desaparecimento. Por outro lado, caso o grupo ou comunidade de fala que faça uso de tais traços passem a ser avaliados positivamente, e obtenha notoriedade na sociedade, o movimento contrário pode ocorrer, e o traço linguístico antes estigmatizado pode se tornar alvo de avaliações positivas, chegando mesmo a ser copiado. A respeito da propagação desses traços no sistema linguístico, o autor observa:

As the original change acquires greater complexity, scope, and range, it comes to acquire more systematic social value, and is restrained or corrected in formal speech (*a marker*). Eventually,

it may be labeled as a *stereotype*, discussed and remarked by everyone. The future prospects of this stereotype depend upon the fortunes of the group it is associated with. If the group moves into the mainstream of society, and is given respect and prominence, then the new rule may not be corrected but incorporated into the dominant dialect at the expense of the older form. If the group is excluded from the mainstream of society, or its prestige declines, the linguistic form or rule will be stigmatized, corrected, and even extinguished (LABOV, 1972, p. 320).

As avaliações sociais a respeito do /R/ caipira manifestadas pelos informantes, e exemplificadas em alguns dos depoimentos apresentados acima, permitem a classificação dessa variável como pertencente à categoria estereótipo. Trata-se do último patamar na escala avaliativa proposta por Labov (1972).

Em relação às questões que interessam aos estudos sociolinguísticos, pode-se questionar qual a importância do estudo de estereótipos ou do estudo de aspectos linguísticos estereotipados. No que se refere à variação e mudança linguística, os estudos sociolinguísticos têm mostrado que, longe de ser casual, esse processo é fortemente condicionado por fatores sociais, estilísticos e, principalmente, avaliativos. O impacto causado por tais avaliações podem contribuir para a manutenção ou para o desaparecimento de traços linguísticos e, sendo assim, essas questões são sempre atuais e significativas para aqueles que se dedicam ao estudo da variação ou mudança linguística.

5 Considerações Finais

As línguas podem ser estimadas por razões distintas, mas normalmente aqueles que as avaliam são guiados por motivos subjetivos e afetivos. As avaliações, sejam valorativas ou depreciativas, são importantes pontos de observação para os estudos da linguagem, uma vez que tais avaliações podem contribuir para a manutenção ou desaparecimento de traços linguísticos. Os estudos relacionados às atitudes linguísticas

comumente lidam com aspectos linguísticos estereotipados. É importante que os estudos sociolinguísticos detenham atenção cuidadosa a esses aspectos linguísticos, uma vez que os estereótipos sociais exercem um importante papel no que se refere à manutenção, à variação e à mudança das línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1982. Edição original: 1920.
- AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereótipos y clichés**. Traducción y adaptación de Lelia Gándara. 4ª. reimp. Buenos Aires: Eudeba, 2005. Edição original: 1997. Enciclopedia Semiológica.
- BRANDÃO, C. R. **O caipira de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CASTRO, V. S. **A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros**. 2006. 285p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- DEPREZ, K.; PERSOONS, Y. Attitude. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (Org.). **Soziolinguistik**: Ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft. Berlin: de Gruyter, 1987. p. 125-132. v. 1.
- FISHBEIN, M.; AJZEN, I. **Belief, attitude, intention and behaviour: an introduction to theory and research**. Massachusetts: Addison-Wesley, 1975.
- HEWSTONE, G.; GILES, H. Social groups and social stereotypes. In: COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (Org.). **Sociolinguistics: a reader**. New York: St. Martin's Press, 1997. p. 271-283.
- LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 49-85. Edição original: 1964.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972. 344 p.

LEITE, C. M. B. **O /R/ em coda silábica no falar campineiro**. 2010. 227f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008. Primeira Edição: 1922. Coleção Clássicos da Comunicação Social.

MARCUSCHI, L. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios.

QUASTHOFF, U. Linguistic prejudice/stereotypes. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (Org). **Soziolinguistik: Ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft**. Berlin: de Gruyter, 1987, p. 785-799. v. 1.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics: an introduction to language and society**. 4. ed. London: Penguin Books, 2000. Edição original: 1974.

Recebido em março de 2011.

Aceito em abril de 2011.

SOBRE A AUTORA

CÂNDIDA MARA BRITTO LEITE é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2010). É Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, a qual está vinculada desde 2005. É professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-Uesb) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos (Uesb/CNPq). Tem experiência na área da Linguística, com ênfase em Sociolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: variação linguística - aspectos fonético/fonológicos; fonética acústica; atitude linguística; dialeto caipira; História do Português Brasileiro.
E-mail: candidamara@gmail.com